

Deutsche Evangelische Vereinsschule Sapyranga e Genuíno Sampaio : lugares de memória e espaços de formação entre a germanidade e a brasilidade no sul do Brasil

Deutsche Evangelische Vereinsschule Sapyranga and Genuíno Sampaio: memory places and formation spaces between German-like and Brazilian-like features in the south of Brazil

Daniel Luciano Gevehr*
danielgevehr@hotmail.com

Resumo: O artigo analisa o surgimento de duas escolas de educação básica na área de imigração alemã no Rio Grande do Sul, cuja trajetória particulariza a história da educação no âmbito da imigração no sul do Brasil. A origem das escolas *Deutsche Evangelische Vereinsschule Sapyranga* e *Genuíno Sampaio*, localizadas em Sapiranga (RS) está intimamente associada ao passado Mucker, que marcou a zona de imigração alemã na região, no final do século XIX. As escolas, surgidas, respectivamente, em meados do século XIX e na década de 1930, permitem compreender diferentes contextos e singularidades presentes em uma comunidade teuto-sul-rio-grandense, na qual a escola desempenhava importante papel social, enquanto formadora e (re)produtora de memórias. Propõe-se, ainda, a interpretação desses espaços ,enquanto lugares de memória ,na medida em que ,através de suas toponímias e organização próprias, revelam um complexo processo de manipulação da memória coletiva.

Palavras-chave: escola, memória, imigração alemã

Abstract: *The present article analyzes the founding of two elementary schools in the area of intense German immigration in the state of Rio Grande do Sul. The existence of these schools particularizes the history of education within the borders of immigration in the south of Brazil. The origin of the previously mentioned schools, namely Deutsche Evangelische Vereinsschule Sapyranga and Genuíno Sampaio, both located in Sapiranga (RS), is intimately associated with the local Mucker history, which has branded the area of German immigration at this end of the country, at the end of the 19th century. The schools, which were both founded in the beginning of the 19th century and in the 1930's, allow us to comprehend different contexts and singularities present in a South Brazilian German community, in which a school played a major social role, both in forming and in (re)producing memories. This article also proposes the interpretation of those memory places of a given community. Through its toponimies and its own organization, it unveils a complex process involving the collective memory.*

Keywords: *school, memory, german immigration*

* Pesquisador e professor no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), onde atua como Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Instituições, Ordenamento Territorial e Políticas Públicas para o Desenvolvimento Regional, das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Coordenador dos Cursos de Licenciatura em História e Licenciatura em Geografia no Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI). Também é Coordenador Institucional do Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (CAPES-ISEI).

O contexto da pesquisa: a comunidade e a imigração alemã

A pesquisa apresenta o contexto de criação de duas escolas, em uma comunidade teuto-brasileira, no Rio Grande do Sul. A criação das instituições ocorreu entre meados do século XIX e o início do século XX e acompanharam a trajetória educacional dessa comunidade. Para tanto, estruturamos nossa pesquisa, abordando, num primeiro momento o contexto da imigração alemã no Rio Grande do Sul e a eclosão do conflito Mucker, na área de imigração alemã no Vale dos Sinos. Num segundo momento, discutiremos a relação existente entre o passado Mucker e as manipulações da memória presentes na comunidade de Sapiranga, onde se encontram as duas escolas. A partir daí, procuraremos analisar o processo que envolveu a criação dessas escolas e sua vinculação com a rememoração do passado Mucker, que conforme veremos, marcou a memória da comunidade no período analisado.

A ocupação do Vale dos Sinos (RS) esteve diretamente associada à chegada dos imigrantes alemães, que se instaram a partir de 1824. Nesse contexto, é que encontramos o atual município de Sapiranga, que tem em sua história a presença da colonização alemã e seus desdobramentos, que se fazem presentes até os nossos dias. Foi nessa localidade que ocorreu, entre 1868 e 1874, o conflito Mucker, considerado o único movimento messiânico ocorrido em ambiente protestante e liderado por uma mulher, Jacobina Mentz Maurer. O conflito terminou com a vitória das forças imperiais, lideradas pelo Coronel Genuíno Sampaio, que acabou perdendo sua vida no combate aos Mucker, no morro Ferrabraz.

A situação em que se encontrava Sapiranga no

final do século XIX, após o desfecho do conflito, seria transformada a partir de 1903, com a chegada do trem – símbolo da modernidade para Sapiranga¹ – modificando a situação de isolamento até então existente. Deve-se ressaltar, no entanto, que não foi o isolamento geográfico, mas o de caráter social² que causou o conflito no final do século XIX, provocando a preocupação das autoridades políticas e policiais da região.

Nas primeiras décadas do século XX, contudo, os moradores de Sapiranga estavam preocupados com a urbanização e a diversificação das suas atividades econômicas, em especial com a indústria de calçados. Sapiranga vivenciou um processo de transformações nas primeiras três décadas do século XX, em função da urbanização e da introdução de novas formas de sociabilidade, tais como os passeios na praça, o comparecimento aos cultos e missas aos domingos e a participação nos clubes sociais.

Acreditamos, entretanto, que as transformações sofridas por Sapiranga não podem ser entendidas de forma isolada. Ao contrário, devem ser vinculadas aos fatos ocorridos tanto no Rio Grande do Sul quanto no Brasil, que, por sua vez, estão inseridos no contexto das transformações mundiais. Com isso, entendemos que se torna fundamental compreender o contexto das transformações ocorridas em São Leopoldo (e especialmente na localidade de Sapiranga), o que nos permitirá compreender a dinâmica das transformações do município até os nossos dias. Destacamos a importância de vincular o contexto de São Leopoldo, uma vez que Sapiranga tornou-se município somente em 1955. Até então, Sapiranga estava politicamente vinculada a São Leopoldo, que foi também o berço da imigração alemã no Brasil.

¹ Quando nos referimos a Sapiranga no final do século XIX e início do século XX, não desconsideramos o fato de que a localidade ainda estava vinculada politicamente a São Leopoldo. A emancipação política se concretizaria somente em 1955.

² Esta tese é defendida pela historiadora Janaína Amado (1978), que afirma que uma das principais causas do conflito Mucker foi o isolamento social em que se encontravam os colonos do Ferrabraz e não a distância geográfica que os separava dos moradores do centro da Colônia Alemã de São Leopoldo.

A região que atualmente compreende o local em que as instituições estudadas estão inseridas, no século XVIII, foi palco de disputas entre portugueses e espanhóis, que lutavam pela posse da Região Platina. É, portanto, nesse processo histórico de “vai e vem das fronteiras do sul do Brasil” que encontramos as origens de Sapiranga. No século XVIII encontramos registros daquilo que era conhecido como a região do Padre Eterno. Essa área de terras tinha como limites geográficos o Arroio Grande ao leste, o atual Arroio Schmidt ao oeste, o Rio dos Sinos ao sul e o Morro Ferrabraz ao norte. De acordo com pesquisas mais recentes, a denominação de Padre Eterno tem origem no antigo capelão da região, que era um afrodescendente, que viveu na região no século XVIII.

Sabemos que os primeiros povoadores dessa região foram tropeiros e paulistas, que à serviço da Coroa Portuguesa, defendiam os interesses lusos no sul do Brasil, mas acima de tudo, os seus próprios interesses, na medida em que se apossavam das terras ocupadas. Assim, o Padre Eterno fazia parte da Fazenda Mascarenhas, com sede no Distrito de Cahy. Porém, por volta de 1777 o Padre Eterno foi comprado por Inocêncio Alvez Pedrozo, desmembrando-se assim da Fazenda Mascarenhas. Durante o século XVIII a região foi alvo de desmembramentos, fruto de direito de heranças familiares e comercialização de seu território.

Depois de disputas judiciais entre herdeiros, a Fazenda acaba sendo comprada em 08 de julho de 1842 por João Pedro Schmidt, comerciante de Hamburgo Velho, que arrematou as terras em praça pública. A partir daí nascia a Sociedade Schmidt & Kraemer, que seria a responsável pela comercialização das terras em lotes (prazos) coloniais aos imigrantes e descendentes de imigrantes alemães que viriam a se fixar nessas terras. De acordo com o Censo de 1848 realizado na Colônia Alemã de São Leopoldo, temos naquele momento, 346

moradores no Padre Eterno. Com isso, podemos afirmar que a região iniciava uma nova fase de sua história, com a presença da imigração alemã.

Foi nesse contexto de ocupação de imigrantes e seus descendentes nas terras daquilo que viria a ser o atual município de Sapiranga que veremos, anos mais tarde, a eclosão do conflito Mucker. Esse episódio nos permite conhecer as dificuldades e adversidades existentes no ambiente colonial vivenciado por Sapiranga no século XIX. Jacobina Mentz Maurer e seu marido João Jorge Maurer, que foram responsáveis pela formação de um grupo religioso, que além de rezar praticava o curandeirismo, acabaram sendo identificados como culpados por diversos acontecimentos da Colônia.

O desfecho desse conflito em 1874, com o massacre dos Mucker, foi responsável pelo início de uma nova fase na história de Sapiranga, na qual a “mancha” deixada pelos Mucker precisou ser apagada da memória (CANDAU, 2012) dos sapiranguenses. O discurso positivista da “ordem e do progresso”, com o advento da República no Brasil, servirá de orientação para a comunidade a partir desse momento. Essas ideias se tornaram mais evidentes, na medida em que analisaremos a trajetória percorrida pelas duas escolas, que estão inscritas nesse contexto de transformação e no qual o passado Mucker será utilizado para criar uma nova imagem para a comunidade, orientada pela ideia da ordem e do progresso.

A trajetória da comunidade: após o conflito Mucker *muita coisa muda por aqui*

Nossa análise se concentra a partir do ano de 1874, quando se deu o desfecho do conflito Mucker, e muitos colonos Mucker venderam suas terras e migraram para regiões vizinhas, como Três Coroas, Igrejinha e Gramado, entre outras localidades. Outros permaneceram em Sapiranga. É fato que os moradores de Sapiranga ainda trazem na *memória* (HALBWACHS,

2004), transmitida pelos seus pais e avós, a história de sobreviventes do conflito que passaram a viver escondidos durante anos nas matas do morro Ferrabraz.³ Estes viveram escondidos com medo de se entregar às autoridades policiais, mesmo findado o conflito em 1874.

O conflito armado acabou oficialmente em agosto de 1874. Porém, após seu desfecho, ocorreram os inquéritos policiais. O processo contra os Mucker encerrou-se em 1880, quando foi dado o último veredicto do processo. Contando com 13 volumes e mais de 6.000 páginas redigidas, o processo contou basicamente com os testemunhos de pessoas da comunidade de São Leopoldo que eram contrárias aos Mucker. Nenhuma testemunha do lado dos Mucker foi ouvida ao longo do processo, se não os próprios acusados. A pena maior recaiu sobre João Jorge Klein – que conforme veremos desempenhou a atividade como primeiro professor na comunidade –, considerado o mentor intelectual do grupo. Foi condenado a 23 anos e 4 meses de prisão. Porém, apelando da sentença, todos foram absolvidos em 1883.

Após o conflito, os moradores das imediações do Ferrabraz sentiram-se abalados com os acontecimentos, o que os levou a retrair-se e a dedicarem-se ao

trabalho, na tentativa de *esquecer o passado*.⁴ Como exemplo da tentativa de esquecimento⁵, encontramos a mudança do nome da localidade em que ocorreu o conflito. Logo após o desfecho do conflito, em 1874, a denominação Fazenda Padre Eterno passou a designar uma pequena região do planalto atrás do Morro Ferrabraz.

A localidade de Padre Eterno atualmente abrange uma pequena parte das terras do município de Sapyranga, sendo que a maior parte pertence ao município de Morro Reuter. Nos dias atuais, a localidade está desmembrada em Padre Eterno, Padre Eterno Alto e Padre Eterno Baixo. Para essas localidades migraram muitos dos colonos envolvidos no conflito de 1874 e que eram adeptos dos Mucker.

Com isso, o lugar passou a ter diversas denominações, como Fazenda Leão –Leonerhof –, Linha Ferrabraz, Linha do Verão, Linha da Bica, Terras do Sapyranga, Picada Hartz e Porto Palmeira. Já a denominação de Sapyranga apareceu somente no final do século XIX. Essas mudanças na denominação das localidades faziam parte de uma estratégia que tinha como finalidade dar uma nova *identidade*⁶ para o lugar, que não estivesse mais diretamente ligado aos Mucker.

³ Halbwachs nos mostra como os lugares desempenham um papel fundamental na construção da memória coletiva. Para ele, os lugares que percorremos nos fazem lembrar de fatos ocorridos no passado e, assim, contribuem para a construção da memória coletiva. A construção de monumentos, a denominação de lugares e a preocupação com a valorização de personagens do passado estão diretamente associadas a uma memória coletiva. Quando uma comunidade elege seus lugares de memória e também seus símbolos e heróis - que passam a representá-la - pode-se perceber os condicionantes que estiveram envolvidos nesse processo de construção das representações. De acordo com o próprio autor: “[...] não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço - aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças”. (HALBWACHS, 2004, p.150).

⁴ Refletindo sobre a complexidade que envolve a questão da manipulação do passado, consideramos pertinente observar aquilo que ANSART (2004, p.28) afirma quando diz que se deve “considerar os rancores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte, pois são exatamente esses sentimentos e representações que envolvem aquilo que ele chama de ressentimento”.

⁵ Sobre a questão que envolve o ato de lembrar ou esquecer os acontecimentos do passado, Jacques Le Goff (2003, p. 419) aponta para o fato de que a memória requer um exercício constante de atualização. Acerca disso, o autor afirma que a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

⁶ Em nossa pesquisa, consideramos adequado pensar a *identidade* na perspectiva proposta por Kathryn Woodward (2014, p.10), para quem a identidade “é tanto simbólica quanto social. A luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais: neste exemplo isso é visível no conflito entre os grupos em guerra e na turbulência e na desgraça social que a guerra faz”.

Encontramos no Arquivo da Comunidade Evangélica de Sapyranga uma Ata de casamento de 1891 identificando a localidade como Sapyranga. Este é o primeiro documento em que a denominação Sapyranga aparece. Porém essa denominação passa a ser empregada de forma recorrente somente a partir de 1903, com a inauguração da estação do trem.

Percebemos, assim, que a população tentava apagar da *memória coletiva* (HALBWACHS, 2004) o passado Mucker, que a identificava como descendente dos Mucker, contrariando a imagem do colono ordeiro, descendente de alemães. Essa atitude revela que a população acreditava que, através do trabalho, poderia “recuperar a dignidade” e os anos de atraso provocados pelo conflito.

Ainda, de acordo com Halbwachs (2004, p. 30) nossas lembranças “permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos”. Em outras palavras, Halbwachs mostra-nos como a memória não é resultado de um trabalho individual, mas sim resultado do trabalho coletivo. Para o autor, a memória, inserida no meio social, é construída coletivamente. Com isso, mesmo que um indivíduo, portador de uma memória individual sobre o passado venha a faltar, sua memória será transmitida pelo grupo, que compartilha das mesmas lembranças.

Vale lembrar que logo após o desfecho do conflito Mucker, os sapiranguenses teriam abaladas mais uma vez as suas vidas. Com a Revolução Federalista (1893-1895) as casas de colonos seriam atacadas e seus pertences muitas vezes saqueados pelos federalistas vindos dos Campos de Cima da Serra, os quais invadiam a região em busca de cavalos e alimentos. Conforme nos mostram os escritos do pastor evangélico-luterano Wilhelm Bartel, na “Crônica da Comunidade

Evangélica de Sapyranga: 1924-1926”, esses acontecimentos marcaram a vida da comunidade do final do século XIX, que presenciou dois conflitos importantes de nossa história: o Conflito Mucker e a Revolução Federalista.

Com as transformações ocorridas na política nacional a partir de 1889, ano da Proclamação da República, instalou-se um governo autoritário, com inspiração no positivismo de Augusto Comte, matriz que orientava os passos do governo. No caso do Rio Grande do Sul, o governo buscou incentivar o desenvolvimento econômico de forma global, privilegiando a dinamização do setor industrial e o desenvolvimento urbano, que deveria se contrapor ao Estado predominantemente voltado para o setor agropecuário e a uma população que predominantemente vivia na zona rural.

Atentamos para o fato de que essas transformações faziam parte do programa de governo implementado ao longo da República Velha no Brasil (1889-1930) e no qual serão bastante visíveis as preocupações com a urbanização e a modernização dos espaços – até então considerados atrasados –, especialmente do ponto de vista econômico.

Sapyranga foi o 5º Distrito de São Leopoldo no período compreendido entre 28 de março de 1890 e 15 de dezembro de 1954, quando o então governador do Estado, Ernesto Dornelles, sancionou a lei que criava o município de Sapyranga. A posse do primeiro prefeito e vice-prefeito realizou-se em 28 de fevereiro de 1955, data em que se comemora atualmente a emancipação política do município. Quanto ao desenvolvimento econômico que se verificou em Sapyranga, então 5º Distrito de São Leopoldo, percebemos que, desde o final do século XIX, a agricultura era a atividade predominante.

O progresso experimentado pelo setor primário logo abriu caminho para o desenvolvimento de outras atividades que diversificaram de forma bastante expres-

siva a economia local. Sapiranga tornava-se, cada vez mais, dinâmica e integrada a São Leopoldo e Porto Alegre, centros econômicos importantes desse período.⁷ Nesse contexto de transformações em Sapiranga, a indústria calçadista teve espaço para progredir cada vez mais, atendendo aos pedidos não apenas da comunidade, mas também de outras regiões que compravam seu produto. As primeiras décadas do século XX acompanharam uma mudança considerável na economia sapiranguense, que apresentava um setor industrial cada vez mais desenvolvido, o que também provocou o aumento de sua população urbana.

Nessa dinâmica do desenvolvimento industrial em Sapiranga - em que a agricultura dava sinais de regresso e a indústria prosperava - mereceu destaque Jakob Biehl, um alemão que chegou ao Brasil em 1866, estabelecendo-se como ferreiro em Sapiranga. Logo transformou sua ferraria numa pequena indústria metalúrgica que, em 1920, empregava cerca de quinze funcionários, sendo então a principal indústria local. Seu pioneirismo no setor industrial fez com que Jacob Biehl fosse chamado de “pai da indústria” de Sapiranga.

Para termos uma noção desse desenvolvimento, observamos que, na década de 1920, existiam em Sapiranga 121 atafonas que fabricavam farinha de mandioca, vendida especialmente para São Paulo e Rio de Janeiro. O setor calçadista, naquele ano, alcançou uma produção total de 96.998 pares de calçados, perfazendo 24,8% do total de impostos recolhidos no município. A economia sapiranguense articulava-se cada vez mais com o mercado nacional e também com o internacional.

As transformações ocorridas no cenário sapiranguense fazem parte das mudanças ocorridas no âmbito do estado do Rio Grande do Sul. Durante as primeiras

décadas do século XX, o PRR foi o grande responsável pela modernização dos meios de transportes e das comunicações. A capital do estado viveu os encantos da *Belle Epòque*, demonstrando sua modernização e novidades, como o bonde elétrico, o teatro e o cinema, as partidas de futebol (sendo que o próprio PRR incentivava as partidas de futebol como meio de disciplinamento e de integração do estado) que culminaram com a criação de dois importantes clubes de futebol, o Grêmio (1903) e o Internacional (1909). A *Exposição Estadual* de 1901 mostrou aos gaúchos o crescimento e a diversificação das atividades econômicas. Eram mais de 300 fábricas participantes, entre elas fábricas de móveis, banha, charutos, vinho, cerveja, tecidos, couros, vidros, chapéus, conservas e outros tantos bens de consumo, sendo que a maioria destes estabelecimentos localizava-se em Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, considerados então centros de difusão industrial.

O processo de desenvolvimento industrial que vinha ocorrendo no Vale dos Sinos já na década de 1920 implicava uma nova realidade social, com o surgimento do trabalhador assalariado. Esse novo elemento da dinâmica social permitia não só o aumento da produção industrial como também ampliava o mercado consumidor, agora assalariado. Em 1920, a população de Sapiranga era de 2.856 habitantes. No início dos anos 20, existiam 539 prédios construídos em Sapiranga, dentre os quais estavam residências e estabelecimentos industriais e comerciais. Sobre o período anterior à emancipação política não possuímos dados concretos acerca da proporção da população rural e urbana. Todavia, acreditamos que a maioria ainda habitava a zona rural, sendo o êxodo rural uma constante a partir das primeiras décadas do século XX, em razão da diversificação econômica de Sapiranga.

⁷No caso do Rio Grande do Sul, a República Velha caracterizou-se como “uma fase de grande prosperidade econômica, baseada no desenvolvimento das atividades primárias ligadas à pecuária, no crescimento da agricultura colonial e do cultivo do arroz no litoral, marcadas por crises pontuais, mas que basicamente proporcionaram o incremento da implantação do capitalismo no Rio Grande do Sul, com a instalação das primeiras unidades fabris e consolidação de qual seria o perfil industrial do estado, a expansão do mercado e o crescimento da urbanização” (WASSERMAN, 2004, P.273).

A chegada da luz elétrica, na década de 1920, transformou a vida da localidade, ao mudar os hábitos de seus moradores e ao incentivar ainda mais a produção industrial, contribuindo para o progresso do então chamado 5º Distrito de São Leopoldo.

Na década de 1920, Sapiranga contava com uma população, cuja grande maioria, era formada por descendentes de imigrantes alemães. A partir do Recenseamento Geral de 1950 podemos estabelecer algumas comparações entre Sapiranga e o Rio Grande do Sul em termos de população. Em 1900, a população do Rio Grande do Sul era de 1.149.070 habitantes, dos quais 21.159 eram alemães ou naturalizados. Em 1920, os números apresentam sensível crescimento, totalizando 2.182.713 habitantes no estado, dos quais 21.165 eram alemães ou naturalizados. Já em 1950, temos uma população de 4.164.821 habitantes no Rio Grande do Sul, sendo apenas 13.516 alemães ou naturalizados (GEVEHR, 2007, p. 46).

Enfatizamos que o número de alemães ou naturalizados diminui gradativamente, ao mesmo tempo em que o número de descendentes de alemães aumentava consideravelmente no estado. Portanto o número de habitantes que se considerava portador da cultura alemã era considerável, especialmente na região do Vale dos Sinos. Como comprovação desta afirmação, temos as elevadas taxas de crescimento natural em São Leopoldo. Em, 1900 era 23%, em 1920 era 22,9%, em 1940 era 14,4% e em 1950 aumentou novamente para 21,4%.

Também o “progresso econômico”, experimentado desde o final do século XIX e início do século XX, fez com que a integração entre Sapiranga e o centro urbano de São Leopoldo, às margens do Rio dos Sinos, então sede do município, tornasse-se uma realidade.

Um aspecto importante que deve ser lembrado foi o fato de que o intendente de São Leopoldo, no período de 1902 a 1916, Guilherme Gaezler Neto, era nas-

cido em Sapiranga. Gaezler Neto era filho de Henrique Guilherme Gaezler e Maria Sehn Gaezler, adeptos dos Mucker. Naquele ano de 1874, tinha apenas seis meses de vida, tendo sido salvo do campo de batalha contra os Mucker.

No período em que administrou o município de São Leopoldo, realizou várias benfeitorias, como a construção de uma ponte sobre o Rio dos Sinos e outras pontes e estradas na região, o que fez com que conquistasse a simpatia de seus moradores, tendo, ainda, favorecido consideravelmente a localidade de Sapiranga. Gaezler Neto recebeu o apelido de “Pequeno Kaiser”, em função da sua semelhança física com o imperador alemão Guilherme II.

Em função do progresso econômico experimentado por Sapiranga desde o período da administração de Gaezler Neto, fez-se necessário integrar de forma mais eficiente Sapiranga e a cidade de São Leopoldo, às margens do Rio dos Sinos, então sede do município. Com essa finalidade, foi inaugurado, em 15 de agosto de 1903, mais um trecho da estrada de ferro, unindo, dessa vez, Novo Hamburgo a Taquara, com uma extensão de 43 quilômetros. Estava, portanto, interligada a economia da região com Porto Alegre. Em 1959, o governo do Estado do Rio Grande do Sul transferiu toda a rede ferroviária para a responsabilidade do governo federal e este acabou desativando toda a rede que ligava as povoações do Vale do Rio dos Sinos, em fins de 1963 (GEVEHR, 2007, p. 47).

A partir dessa data, com a inauguração da Estação Sapyranga, era possível transportar os produtos até a sede do município, estimulando consideravelmente o incremento da produção, já que o escoamento tornava-se mais ágil, rápido e barato. Nas primeiras décadas do século XX, foram perceptíveis o crescimento e a diversificação das atividades comerciais nas redondezas da estação férrea, comprovando o aumento de circulação

de pessoas neste núcleo urbano em expansão. Embora possamos identificar um considerável crescimento industrial e urbano em Sapiranga já nas primeiras décadas do século XX, não desconhecemos a realidade vivida pelos moradores dos vales dos Sinos e Caí.

De acordo com Jean Roche (1969, p.181-184), essas áreas que compreendiam os municípios de Montenegro, São Sebastião do Caí, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Taquara e os municípios recentemente criados Canela, Gramado, Nova Petrópolis e Rolante totalizavam uma área total de 5059 hectares quadrados de terra e possuíam, em 1950, uma população de 264.145 habitantes. Nessa área, 16,4% da superfície é cultivada, sendo que a população rural atinge a densidade de 33,2 hab/Km², totalizando 62,9% da população total da região. Ainda segundo Roche cada município possuía várias pequenas vilas (sedes de distritos) que somavam muitas vezes 1000 ou 2000 habitantes e que nas estatísticas eram classificadas como urbanas ou suburbanas, mas que de acordo com sua análise deveriam ser consideradas como rurais.

Ao contexto de urbanização e de desenvolvimento da vida social dos sapiranguenses somaram-se as repercussões das transformações políticas de âmbito nacional. Os valores nacionais, ou a própria brasilidade, entendidos como valores dos brasileiros⁸ foram rejeitados por parte de seus moradores. Empregamos essa expressão para identificar a forma como parte dos moradores de Sapiranga, com ascendência alemã, referiam-se à cultura nacional.

Para estes, sua cultura estava diretamente relacionada com a cultura trazida pelos imigrantes alemães e que se manifestava através da germanidade (SEYFERTH, 2011). Através da ideia de *Heimat*, essa

comunidade expressava seu sentimento de pertencimento à cultura germânica e a própria pátria alemã. Suas manifestações culturais englobavam desde as danças, músicas, comidas típicas e também a fala da língua alemã.

Nas décadas de 1930 e 1940 ocorreram várias transformações em nível nacional. Com a Revolução de 1930 e a subida de Getúlio Vargas ao poder presidencial, uma série de mudanças ocorreram. Dentro desse processo, destacamos a nacionalização instituída pelo Estado Novo (1937-1945), através do qual se deu início a um forte controle sobre as populações imigrantes no Brasil. Mais precisamente no sul do Brasil, na área de imigração alemã observamos o rígido controle sobre as pessoas que falavam a língua alemã e que cultivavam seus *costumes e tradições culturais* (THOMPSON, 2013) imigrantes.

Inserida no contexto nacional de transformações políticas e em especial, dos efeitos da campanha da nacionalização de Getúlio Vargas da década de 1930, a comunidade sapiranguense elegeu o Coronel Genuíno Sampaio – considerado herói na luta contra os Mucker – como símbolo de manifestação de seu patriotismo e de sua brasilidade. Isso se deu através da criação do monumento (1931) em homenagem ao coronel no local onde ficava a casa do casal Maurer, no morro Ferrabraz, e também pela inauguração da principal escola pública estadual (1937), localizada na zona central do município, que homenageava o coronel em seu ato de nomeação. Esses espaços, na medida em que procuram manter viva a memória do militar que lutou contra os Mucker, também desempenharam um papel pedagógico, uma vez que esses podem ser interpretados como

⁸ Lúcia Lippi Oliveira (2003, p.67-68) afirma que “no Brasil as mudanças acontecidas na chamada Era Vargas cuidaram de organizar os trabalhadores e procuraram fazê-los participar da sociedade a partir do mundo do trabalho, da carteira profissional, da organização sindical, do Ministério do Trabalho. Por outro lado, foi nesse tempo eu se criou uma identidade simbólica/cultural através de festas cívicas, de feriados, assim como do rádio, do cinema, da propaganda e de biografias do líder maior, Getúlio Vargas”.

lugares nos quais se praticava o exercício da cidadania local e também a formação da comunidade.

Acreditamos que isso se deu, em parte, devido à situação política do Estado brasileiro e de seu empenho para a nacionalização da cultura, em especial nas áreas de imigração, como foi o caso de Sapiroanga. Entendidos como uma “ameaça” à cultura nacional, os descendentes de imigrantes alemães de Sapiroanga, assim como nas demais áreas do país, foram obrigados a assimilar em suas tradições a cultura entendida como nacional. Com isso, procuraram valorizar os símbolos da nação, em detrimento da cultura germânica, herdada de seus antepassados.

Nesse mesmo período, notamos que, em 1938, Sapiroanga foi elevada à condição de Vila, através do Decreto Municipal nº 7109 de 31 de março de 1938. Logo após a implantação da República, ocorreram diversas transformações na estrutura política do Brasil. Exemplo destas transformações pode ser percebido em Sapiroanga, que foi elevada à condição de Freguesia, em substituição à sua condição anterior de Distrito. A emancipação política se concretizaria apenas em 28 de fevereiro de 1955, quando Sapiroanga se separava definitivamente de São Leopoldo.

Deutsche Evangelische Vereinsschule e Genuíno Sampaio: o surgimento das escolas na comunidade sapiranguense

O distanciamento em relação ao passado e à imagem negativa do Mucker – que conforme já afirmamos se observa na comunidade sapiranguense – foi acompanhado de uma série de iniciativas da própria

comunidade, que procurou esquecer o episódio e seus desdobramentos – ainda presentes na memória. Daí, nosso interesse em percorrer parte dessa trajetória, através da compreensão do processo que desencadeou a criação das duas principais escolas da comunidade. Para tanto, nos valem de um rico acervo documental existente nos arquivos das próprias escolas pesquisadas⁹, que nos permitiram, dessa forma, desvendar parte de suas trajetórias.

Compreendemos esses espaços educacionais como instrumentos que operam, também no campo da manipulação da memória da comunidade, na medida em que esses podem ser interpretados como legitimadores de determinadas visões sobre o passado da comunidade. Nesse sentido, a nomeação desses lugares e a historicidade presentes nesses espaços pedagógicos da comunidade nos permitem melhor compreender os elementos simbólicos que estiveram presentes na luta pela imposição de determinadas representações sobre o passado da comunidade, em especial sobre os Mucker, que se fizeram presentes na memória dos moradores de Sapiroanga.

Esses espaços educacionais são compreendidos aqui a partir de duas linhas interpretativas. A primeira entende a escola como um *lugar de memória*¹⁰ no qual se manifestam sentimentos e memórias dos grupos presentes nesses espaços, com seu papel de (re)produtora de memórias e de *enquadramentos dessas memórias*¹¹, de acordo com os interesses dos grupos interessados nesses enquadramentos e legitimações.

⁹ A pesquisa valeu-se, além da consulta aos acervos das escolas, de entrevistas com pessoas da comunidade. As entrevistas privilegiaram àquelas pessoas que tiveram suas trajetórias pessoais ou profissionais ligadas às escolas estudadas. Para tanto, nos valem de entrevistas semiestruturadas, realizadas com ex-professores das escolas e também de ex-alunos, que contribuíram para o entendimento do contexto de produção das memórias sobre as duas escolas da comunidade. A idade dos entrevistados variou de 40 a 75 anos e foram fundamentais para a compreensão do cotidiano vivenciado nas escolas e na própria comunidade nas primeiras décadas do século XX.

¹⁰ Entendemos e empregamos o conceito de *lugares de memória* na acepção de Pierre Nora (1993, p.21), para quem “[...] são lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual.”

¹¹ As representações sociais inscritas no processo de criação das escolas nos permitem pensar naquilo que Pollack (1989, p.11) denominou de *trabalho especializado de enquadramento*. De acordo com o autor, a memória é alvo de manipulações e defesa de interesses pessoais e coletivos, estando necessariamente relacionada com o contexto e com a época em que foi produzida.

Já a segunda, compreende que a escola desempenha um *poder simbólico*¹², na medida em que contribui para a formação pedagógica dos sujeitos, socialmente inscritos em uma realidade, como é o caso da comunidade sapiranguense. É, portanto, a partir dessa concepção, que procuramos analisar o processo histórico de surgimento das duas escolas locais, inscritas no contexto da imigração alemã no sul do Brasil, mas também de seus desdobramentos – como o conflito Mucker – e das relações com o Estado Nacional, em especial durante a Era Vargas.

Iniciamos nossa análise com a instalação da primeira escola de Sapiranga. Nascida ainda nos primórdios da colonização alemã em Sapiranga, a “escola evangélica”, como era conhecida pelos seus moradores, foi criada por iniciativa dos primeiros imigrantes alemães que se instalaram na região. De caráter comunitário e confessional, a escola está ligada atualmente à Rede Sinodal de Educação e faz parte também da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e se mantém em funcionamento atualmente com a denominação de “Centro Sinodal de Ensino Médio de Sapiranga”.

A escola expressava, nesse contexto, parte da identidade do grupo, no qual a germanidade (DREHER, 1984) se manifestava através da religiosidade, trazida pelos imigrantes da igreja luterana alemã e também da sua própria identidade étnica.

Atualmente o “Centro Sinodal de Ensino Médio de Sapiranga” é formado por duas Unidades de Ensino: “Unidade de Ensino Duque de Caxias” e “Unidade de Educação Infantil”. A “Unidade de Ensino Duque de Caxias” ainda funciona no prédio construído por volta de 1880 – na principal avenida do centro do município,

contando atualmente com várias ampliações e melhorias.

Segundo o relatório de 1º de janeiro de 1850, do diretor da Colônia Alemã de São Leopoldo, Dr. Johann Daniel Hillebrand, funcionava, então, em Sapiranga, uma escola que contava com apenas um professor e 31 alunos. Este foi o início dos trabalhos da escola, cujo ano letivo iniciou em data imprecisa, no ano de 1850, dezoito anos antes da eclosão do conflito Mucker.

O primeiro professor de quem se tem informação foi João Jorge Klein, imigrante alemão e cunhado de Jacobina, a líder dos Mucker. Ao que tudo indica, Klein teria desempenhado as atividades de professor, além das de pastor-colono, em virtude da inexistência de pastores com formação teológica para atuar na região colonial. Klein era considerado um homem culto, se comparado com os moradores das imediações do morro Ferrabraz, que não sabiam ler e escrever.

Com isso, podemos afirmar que o surgimento do primeiro espaço educacional de Sapiranga – no qual se transmitia não apenas conhecimentos de língua, matemática, história ou geografia, mas também valores culturais compartilhados pela comunidade – está diretamente associado aos Mucker, uma vez que tanto parte de seus alunos, quanto o primeiro professor, eram adeptos dos cultos celebrados por Jacobina, em sua residência no morro Ferrabraz.

A existência de *pastores-colonos e professores-colonos* – expressão que designa a atividade desempenhada por pastores e professores sem formação específica e que também trabalhavam nas atividades típicas do campesinato – era comum na área de imigração alemã do sul do Brasil, em decorrência da inexistência de pessoas com formação teológica ou de magistério. Na

¹² Para Pierre Bourdieu (2001, p.09) o poder simbólico “é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências.”

maioria dos casos, o pastor e o professor eram a mesma pessoa, agregando ambas as atividades na comunidade. No caso específico de Klein, esse é apontado ainda como o mentor intelectual dos Mucker. Segundo testemunhos da época, era ele quem instruía Jacobina em relação às suas práticas religiosas no Ferrabraz.

Como seu sucessor, teria assumido, em data imprecisa, o pastor evangélico-luterano Friedrich Wilhelm Fürchtegott Boeber, comumente chamado de pastor Boeber. Este teria passado a exercer a função de pastor e professor da escola local, quando Klein foi preso pelo seu envolvimento com os Mucker. Vale lembrar que é atribuído ao pastor Boeber a difusão do termo “Mucker” – com significado de beatos e fanáticos religiosos. Este teria sido empregado por Boeber para se referir às reuniões lideradas por Jacobina no Ferrabraz. O pastor é também considerado um dos principais responsáveis pelo sentimento de rejeição da comunidade em relação aos Mucker. Segundo Leopoldo Petry (1957) este utilizava seus cultos para fazer propaganda contrária ao grupo que se encontrava no Ferrabraz.

Como já referendamos, esta foi também a escola frequentada pelos filhos dos adeptos de Jacobina. As crianças, porém, foram retiradas da escola, assim que se iniciaram os ataques e as perseguições às famílias adeptas de Jacobina. Outra razão para seu afastamento foi a de terem passado a ser alvo de perseguição e deboche por parte de seus colegas dos pais que eram contrários às práticas de culto e de cura de Jacobina Maurer.

Boeber foi o primeiro professor com formação em magistério que atuou em Saporanga. Acumulando atividades, Boeber precisou contar com o auxílio de vários professores durante esse período. Com sua saída, em março de 1873, o pastor de Dois Irmãos, Pastor Brutschin, assumiu a comunidade interinamente. Não temos informações sobre os professores que desempenharam suas atividades em Saporanga nesse período.

Sabemos, no entanto, que a troca destes era frequente, em função de suas transferências para outros locais.

Após o desfecho do conflito Mucker, o pastor Caspar Schmierer assumiu como pároco da Comunidade Evangélica e também como diretor da escola. Durante sua administração foi construído, por volta de 1880, o prédio da escola que está localizado na atual Avenida João Corrêa, no centro da cidade. Após esse período, vários pastores assumiram a paróquia e, conseqüentemente, as atividades na escola. Entre os pastores que desempenharam suas funções na escola, destacamos a presença de Theophil Dietschi, Wilhelm Bartelt, Hugo Heinrich Freisslich e Johann Georg Holder, todos de origem germânica.

Em agosto de 1924, assumiu a paróquia o pastor Wilhelm Bartelt, ficando no cargo apenas até 15 de agosto de 1925. Através das “Crônicas da Comunidade Evangélica”, escritas pelo pastor Wilhelm Bartelt, temos acesso a vários acontecimentos ocorridos durante sua atuação em Saporanga, bem como a própria forma como este entendia o conflito Mucker e seus envolvidos. Ele aponta o conflito como resultado da ignorância e da falta de esclarecimento das pessoas que teriam se deixado enganar por Jacobina e seu grupo, ou seja, reproduzia o pensamento oficial que se tinha sobre o episódio até meados do século XX, em especial na comunidade sapiranguense.

Cabe ressaltar que, nesse mesmo ano da chegada do novo pastor, comemorou-se no Rio Grande do Sul o Centenário da Imigração alemã. Os festejos em Saporanga parecem ter se revestido de outro significado, que fica evidenciado na descrição abaixo:

O centenário da Imigração Alemã, 25 de julho de 1924, foi festejado em todo o Estado por iniciativa e recomendação do Sínodo Rio-Grandense, e começou com o repicar dos sinos nas igrejas evangélicas. Os festejos realizaram-se, em virtude de condições climáticas, mas favoráveis,

somente em setembro. As festividades em Sapiranga aconteceram no dia 27 de setembro e obedeceram, em geral, ao programa do Centenário da Independência, com a única diferença que a característica germânica foi colocada em evidência. O local dos festejos foi instalado na praça de esportes no potreiro do Sr. Balduino Hinkel. Após a passeata, apesar do mau tempo, pelas principais ruas da vila, escolas, Sociedades de Canto, e a população reuniu-se na praça de esportes para a celebração de um culto oficiado pelo pastor Wilhelm Bartelt. Seguiram-se diversões populares, apresentações artísticas musicais por alunos e Sociedades de Canto e discursos em português e alemão. Os festejos encerraram-se com a demonstração de fogos de artifício. O centenário da Imigração Alemã coincidiu também com o cinquentenário do término da revolta dos Mucker (FLECK, 2001, p. 114).

As comemorações do centenário da Imigração alemã realizadas em Sapiranga contaram com o empenho de toda a comunidade. De acordo com Fleck (2001), as atividades realizadas seguiram a programação das comemorações realizadas no Centenário da Independência, celebrado em 1922, o que parece apontar para a preocupação da comunidade em se mostrar parte integrante da nação brasileira. Estes eram, etnicamente alemães, porém, acima de tudo, cidadãos brasileiros.

Interessa-nos, especialmente, explorar a coincidência mencionada por Fleck e desvendar a possível relação entre as festividades realizadas para comemorar o centenário da imigração e o cinquentenário do conflito Mucker. Afinal, o conflito havia marcado a história da imigração em Sapiranga e, vale lembrar, os Mucker eram tidos como uma mancha no passado de Sapiranga nesse período.

Passados 50 anos do final do conflito, era chegado o momento de comemorar o seu desfecho e mostrar para a comunidade a superação daquele período de fanatismo. A imagem negativa sobre os Mucker conti-

nuava bastante presente entre os moradores de Sapiranga nas primeiras décadas do século XX e essa mesma imagem se reproduzia no ambiente da primeira escola comunitária, que lembrava a todos “o tempo dos Mucker”.

As comemorações realizadas em 1924 possuíram, em função disso, um grande significado. Ao mesmo tempo em que se buscava celebrar o Centenário da Imigração alemã, rememorava-se o conflito Mucker. Enquanto a celebração da imigração alemã reforçava o sentimento de orgulho étnico dos sapiranguenses, o episódio dos Mucker era relembrado a partir da derrota imposta por Genuíno Sampaio aos fanáticos do Ferrabraz.

Em 1925, o primeiro professor leigo e de origem não germânica foi contratado para atuar na escola, o Sr. Homero Dias Cardoso, formado pelo “Evangelisches Lehrerseminar” – Seminário Evangélico de Professores de Taquari¹³ – e que dominava os idiomas português e alemão. Observamos que até então as aulas na escola eram ministradas apenas em língua alemã. A partir de 1925, os professores que lecionavam na *Deutsche Evangelische Vereinsschule Sapyranga* precisavam, necessariamente, dominar tanto o idioma português quanto o alemão.

As relações da comunidade tipicamente alemã com os luso-brasileiros estreitavam-se cada vez mais, em razão da diversificação das atividades econômicas que se desenvolviam com as cidades da região. Por essa razão, o professor Homero Dias Cardoso teve a tarefa de ensinar aos alunos a língua portuguesa, para que assim pudessem se integrar na sociedade em transformação do início do século XX em Sapiranga. Nesse sentido, é importante lembrar que Getúlio Vargas promulgou, em 1938, a lei que limitava o ensino da língua ale-

¹³ Atualmente, essa escola funciona no município de Ivoti - RS, com a denominação de IEI – Instituto de Educação Ivoti.

mã a apenas uma hora/aula por dia. No ano seguinte, seria promulgada a lei que proibia terminantemente o ensino da língua alemã no país. Com isso, as escolas passaram por todo um processo de reformulação, proibindo que estrangeiros assumissem a direção das escolas.

Os anos se passaram e outros professores assumiram a tarefa de ensinar na comunidade, bem como vários outros pastores chegaram a Saporanga com a tarefa de administrar a escola. Como parte das transformações, observamos a mudança do nome da escola, que antes se chamava *Deutsche Evangelische Vereinsschule de Saporanga*.

Em virtude da implantação do Estado Novo, durante o governo Vargas, a escola precisou alterar sua antiga denominação e passou a se chamar “Escola Duque de Caxias”, fazendo referência militar e patrono do exército nacional – como mais uma manifestação da brasilidade imposta pela Era Vargas.

Deve-se ressaltar que a Escola Duque de Caxias desempenhou um importante papel na comunidade sapiranguense, especialmente no período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX, quando era a única instituição de ensino de Saporanga. Além de sua função primordial, a escola transmitia também, através de seus professores e de seu currículo, valores religiosos e formas de comportamento social, que devem ser levados em consideração na análise sobre a formação social do município.

Uma vez que as escolas se constituem em espaços da vida em comunidade – e são dotados de historicidade e desempenham importante papel enquanto (re) produtores de memórias – consideramos importante avaliar de que forma esses espaços educacionais contri-

buíram para a formação social das comunidades nas quais estão inseridas. Em especial, interessa-nos, compreender como a criação e organização desses espaços obedecem a uma dinâmica que legitima as ideias e interesses dos grupos articulados nesse processo.

Além da escola confessional, cujas origens remontam aos primórdios da imigração alemã, temos na década de 1930, a criação de uma segunda escola no espaço urbano de Saporanga. Nessa perspectiva, observamos que foi em um contexto de profundas rupturas e transformações políticas e culturais no Brasil, que se deu a criação e a inauguração do atual “Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio”, localizado na área central de Saporanga. Foi também nessa escola que muitas das personalidades da vida pública de Saporanga, em especial no processo de criação e consolidação da municipalidade, estudaram.

A “Genuíno Sampaio”, como é conhecida popularmente a escola, tem sua criação em 10 de fevereiro de 1934 como Grupo Escolar de Saporanga. Porém, em 27 de agosto de 1937, a escola foi batizada de Grupo Escolar Coronel Genuíno Sampaio. A nova denominação da principal escola pública de Saporanga foi realizada através do Decreto nº 6702 de 27 de agosto de 1937, assinado por José Antônio Flores da Cunha¹⁴:

Dá denominação ao Grupo Escolar de Saporanga, município de São Leopoldo. O governador do Estado do Rio Grande do Sul:

Considerando a conveniência de dar denominação aos estabelecimentos públicos de ensino:

Considerando que tais denominações devem, de preferência, perpetuar nomes de personalidades ligadas ao desenvolvimento histórico ou educacional do Rio Grande.

¹⁴ O General Honorário Dr. José Antônio Flores da Cunha governou o Rio Grande do Sul interinamente. De acordo com Amyr Borges Fortes (1981, p.166), Flores da Cunha contrariava os interesses do presidente Getúlio Vargas, sendo inclusive ameaçado de impedimento pela Assembleia Legislativa do Estado, o que o levou à renúncia em 19 de outubro de 1937.

Considerando finalmente que o Cel. Genuíno Sampaio, bravo oficial do Exército, prestou relevantes serviços à Pátria, pela qual succumbia (sic) em combate, resolve, no uso das suas atribuições, que lhe são conferidas pela Constituição. Artigo 62. n° 3, dar ao Grupo Escolar de Sapyranga, município de São Leopoldo, a denominação de Grupo Escolar “Coronel Genuíno Sampaio”.

Facem-se (sic) as necessárias comunicações.

Palácio do Governo, em Porto Alegre, 27 de agosto de 1937.

José Antônio Flores da Cunha.

O decreto de 1937 oficializava a denominação da escola, que se tornava, dessa forma, mais um importante, diretamente associado aos Mucker. A denominação dada à escola, que perpetuava a memória de Genuíno Sampaio, cumpria o papel de consagrar o coronel Genuíno como herói do conflito. Os próprios termos empregados no decreto revelam os objetivos que se faziam presentes.

Procurava-se homenagear o Coronel Genuíno Sampaio em função de seus atos de bravura no combate aos Mucker e exaltar suas qualidades morais e seus serviços prestados à pátria. Fato que merece ser lembrado é o de que o autor do decreto de nomeação da escola foi um militar, Flores da Cunha, que através do ato oficial procurou destacar as ações dos militares, em defesa da ordem pública.

Valendo-nos de uma vasta coleção de documentos referentes à criação desse estabelecimento de ensino, disponibilizada pela atual administração da escola, procuramos desvendar a vinculação existente entre a denominação e a história do conflito Mucker. Não restam dúvidas quanto aos interesses presentes na década

de 1930, que acabaram sendo responsáveis pela denominação dada à escola.

Associado ao ato oficial assinado pelo governador Flores da Cunha há o contexto local, em que as ideias contrárias aos Mucker faziam-se ainda presentes. Embora não tenhamos fontes que confirmem essa afirmação, acreditamos que o decreto foi, em grande parte, uma resposta aos interesses da comunidade sapiranguense, que tinha Genuíno Sampaio como herói do conflito. Aventamos ainda a hipótese de Flores da Cunha ter sido influenciado por moradores da comunidade, que poderiam ter indicado Genuíno Sampaio como personalidade para a denominação a ser dada à escola.

Afinal, além de ser um militar, Genuíno era um brasileiro, elemento que contribuía para o enaltecimento do patriotismo e dos valores nacionais, em uma comunidade tipicamente teuto-brasileira do início do século XX, como era o caso de Sapyranga. Nesse caso, a memória do militar, considerado herói da Guerra do Paraguai e do Conflito Mucker, representava – no âmbito da comunidade – exemplo da brasilidade e da negação do passado Mucker, que ao mesmo tempo em que se tentava esquecer se fazia necessário (re)lembrar. A escola. Ao carregar seu nome, cumpria esse “compromisso” pedagógico com a comunidade.

Reforçando a ideia de que a comunidade, assim como as pessoas ligadas diretamente à escola, tinham Genuíno Sampaio como a representação do herói do conflito, encontramos nos documentos que constituem o arquivo da escola um breve histórico que afirma: “O patrono da Escola ‘Coronel Genuíno Sampaio’ foi um militar que tombou no combate aos Muckers em 1874. Sapyranga, prestando-lhe homenagem, deu à Escola seu nome”¹⁵.

¹⁵ O “Histórico da Escola” apresenta-se datilografado, não constando a data de sua realização. Pelas características do documento, cujas folhas se encontram já danificadas pela ação do tempo, acreditamos que o mesmo já deva ter várias décadas de existência, não tendo sido reescrito nos últimos anos. O Histórico da Escola não apresenta assinatura, identificando sua autoria, o que nos leva a acreditar que foi uma construção coletiva da comunidade escolar.

Além disso, através da referência feita ao seu logotipo, que está na fachada da escola, bem como impresso em todos os documentos oficiais e também no uniforme dos alunos – que é de uso obrigatório – Genuíno Sampaio tem seu nome destacado e difundido na comunidade sapiranguense.

Como fica evidenciado, o coronel Genuíno era, na compreensão da comunidade escolar responsável pela criação do educandário, o responsável pelo apaziguamento da localidade, que havia sido abalada pelos Mucker. Desta forma, a escola foi entendida como uma forma de prestar uma homenagem ao heroísmo e um tributo de gratidão a Genuíno Sampaio pelos moradores de Sapiroanga.

Em outras palavras, a escola desempenha seu papel de lugar de memória, fazendo com que a comunidade não se esqueça de Genuíno Sampaio. Ao mesmo tempo, se procura silenciar a memória dos Mucker, na medida em que não se faz referência à nenhuma personalidade associada ao grupo liderado por Jacobina.

Essa afirmação é também respaldada por uma breve biografia do coronel, encontrada na escola e intitulada Biografia – Genuíno Olympio Sampaio. A biografia do Coronel Genuíno Sampaio está datilografada e constitui-se de seis páginas de texto, não constando a data de sua elaboração. A biografia tem autor desconhecido, já que não há assinatura ou menção ao autor no exemplar. Nela é apresentada uma versão do conflito, que aponta Genuíno como responsável pela defesa dos interesses dos moradores de Sapiroanga:

Como Plácido de Castro, que teve tanta ocasião gloriosa de morrer e foi também assassinado por meia dúzia de sicários, assim Genuíno Sampaio – cadete da Sabina, alferes da Guerra dos Farrapos, tenente da Revolta Praieira, capitão da

Guerra de Oribe e Rosas e tenente-coronel da Campanha do Paraguai – foi terminar seus dias ingloriosamente, no morro Ferrabrás, atingido por uma bala perdida, após ter esmagado a injustificável rebelião religiosa dos Muckers (Biografia – Genuíno Olympio Sampaio. s/d, p. 01).

Nessa biografia de Genuíno, percebe-se a intenção da construção da representação do grande herói, que deu sua vida em nome da pátria, cujo civismo é reafirmado na seguinte passagem: “Perdera, realmente, a Pátria um grande cidadão e uma excelente servidor” (Biografia – Genuíno Olympio Sampaio. s/d, p. 01).

As virtudes do coronel foram bastante exploradas pela comunidade escolar, que procurou enaltecer e legitimar, diante da comunidade sapiranguense, o caráter do coronel. A imagem de um Genuíno herói, construída no final do século XIX será atualizada na década de 1930. Tanto a inauguração do monumento em sua homenagem quanto a denominação da escola fizeram parte deste processo em curso na década de 1930, de responsabilizar os Mucker, exclusivamente, pelo conflito.

Interessante observar que a escola cumpriu e cumpre importante papel de difusão dessa percepção e da culpabilização dos Mucker pelo conflito e de seus efeitos sociais.¹⁶ O atual Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio mantém-se, em razão disso, desempenhando a função de lugar de memória sobre os Mucker, ao remeter para o passado e para o desfecho do conflito.

A escola situa-se na área central da cidade e apresenta em sua fachada um mural, intitulado O Episódio do Ferrabraz,¹⁷ que retrata o conflito Mucker,

¹⁶ Levanto essa questão tendo em vista que desempenhei atividades de docência nesta escola entre os anos de 1999 e 2001. Neste período, pude constatar, na vivência no ambiente escolar, o quanto essa versão – que apontava os Mucker como culpados – ainda se fazia presente na escola.

¹⁷ O título dado ao mural realizado na escola é o mesmo da obra de Leopoldo Petry, publicada em 1957. Nela, Petry elabora uma versão que procurava inocentar os Mucker das acusações feitas por Ambrósio Schupp.

através de pinturas realizadas por vários artistas da própria comunidade. Dividido em vários pequenos painéis, o mural apresenta uma releitura do conflito, a partir dos diferentes olhares dos artistas que foram convidados pela escola a realizar este trabalho em 2001.

Nesse mesmo ano, a escola também promoveu o Seminário Mucker: Novas abordagens e reflexões, que propôs a discussão sobre o conflito a partir de diferentes abordagens, e contou com a participação de vários estudiosos sobre o tema.

Se até 2001 encontrávamos, no espaço urbano de Sapiranga, apenas representações que contribuíram para a construção de uma imagem negativa dos Mucker, a partir de então se iniciou uma nova fase, que procurou retratar os Mucker e, de forma especial, a líder Jacobina, de forma positiva. Vale lembrar que é nessa nova fase que ocorreram as gravações do filme a Paixão de Jacobina, lançado em 2002. Parte das gravações do filme foi realizada em Sapiranga e produziu uma série de impactos na comunidade, uma vez que Sapiranga teve projeção nacional através da história dos Mucker. O passado, que antes era motivo de vergonha, passou a ser visto como uma possibilidade de desenvolvimento do município.

As pinturas feitas com tinta e pincel na fachada na escolanos revelam, ainda, um novo olhar dos artistas locais sobre o episódio do Ferrabraz. Nelas, observamos não só uma crítica à ação das autoridades como a valorização de Jacobina, a líder dos Mucker, em seu intento de ajudar os colonos da região a superarem suas dificuldades.

A produção artística exposta na fachada da escola contribuiu, sensivelmente, para a construção e difusão de uma nova imagem dos Mucker. Se até então os Mucker eram representados como culpados e vilões –através de monumentos e da denominação de lugares

da cidade –,foi a partir desse projeto, idealizado pela escola e executado pelos artistas locais, que percebemos a primeira representação positiva dos Mucker em Sapiranga. Com ela se inauguraria uma nova fase, na qual os Mucker e o conflito seriam reavaliados, tendo em vista, principalmente, o fomento do turismo de caráter histórico-cultural.

Considerações finais

Através da análise das fontes pesquisadas nos arquivos das instituições pesquisadas e também de entrevistas com diversas pessoas diretamente ligadas à trajetória das duas escolas – e que nos permitiram melhor compreender o processo de criação e nomeação das escolas – buscamos estabelecer algumas considerações, ainda que evidentemente nada definitivas.

Percorrendo a trajetória das duas primeiras escolas sapiranguenses localizadas no espaço urbano, e cujos percursos acompanharam o processo de ressignificação do passado Mucker na comunidade, compreendemos como esses dois lugares de memória estão inseridos no contexto da história da localidade. Essa permitiu, ainda, avaliar as singularidades presentes na história das instituições escolares na área de imigração alemã no sul do Brasil.

Como percebemos, Jacobina e Genuíno foram os personagens eleitos pela comunidade para representarem, respectivamente, os Mucker e seus combatentes, numa dinâmica que procurava apagar a memória da primeira e enaltecer e legitimar a memória do segundo, representado através do vulto do militar que morreu em combate. Constatamos que esses personagens foram alvo de diferentes interpretações, condicionadas aos interesses de diferentes grupos, de acordo com os interesses e circunstâncias.

A legitimação das duas escolas, que passam a carregar o nome de Duque de Caxias e de Genuíno Sampaio – dois militares brasileiros – demonstra a intenção de se utilizar a escola, em um contexto de comunidade, para influenciar a memória e, garantir, através das gerações, a reprodução de determinadas imagens e representações que se construíram sobre os Mucker e seus combatentes, tomados como heróis da comunidade sapiranguense.

Nesse caso, a escola enquanto um espaço de formação da comunidade serviu de instrumento de legitimação dessas ideias, desempenhando papel de formadora da opinião e de transmissão de valores e ideias, que se faziam presentes em sua dinâmica cotidiana. A escola, compreendida como um espaço social de trocas e de aprendizagens, nos faz pensar sobre o significado simbólico que a denominação desses educandários produzem no imaginário coletivo, na medida em que fazem com que suas toponímias não sejam esquecidas no cotidiano dessa comunidade.

Através da manutenção destes lugares de memória, a comunidade sapiranguense manteve viva na memória as lembranças da época dos Mucker e, principalmente dos elementos que constituíram sua identidade. A *germanidade*, presente num primeiro momento, com a criação da escola confessional não desaparece com o surgimento da escola pública, criada pelo poder público estadual e que manifestava, ao mesmo tempo, parte de sua brasilidade.

Nesse sentido, ambas fazem parte de um mesmo processo, no qual a identidade da comunidade procura se adequar aos novos condicionantes políticos e ideológicos do Estado, como no caso da Era Vargas. Entretanto, acreditamos que esses valores, associados à *germanidade* não são diminuídos, mas provocam a necessidade de um diálogo, cada vez maior e abrangente, entre a *germanidade e a brasilidade*, que se afirma e que acompanha as transformações da própria comunidade, que passa a incorporar novos elementos culturais em sua dinâmica local.

Referências bibliográficas

- AMADO, Janaina. *Conflito Social no Brasil: A Revolta dos Mucker*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.p.15-36.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand. 2001.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- DREHER, Martin N. *Igreja e Germanidade*. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- FLECK, Lucio. *Sereis minhas testemunhas*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2001.
- FORTES, Amyr Borges. *Compêndio de História do Rio Grande do Sul*. 6ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1981.
- GEVEHR, Daniel Luciano. *Pelos Caminhos de Jacobina: memórias e sentimentos (res)significados*. São Leopoldo, Tese (Doutorado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto história*. São Paulo, n. 10, dez. 1993. [Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História PUCSP].p.07-28.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e hoje. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História cultural*. Experiências de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2003.p.65-82.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 2v.
- VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história*. Os Protagonistas Anônimos da História. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- WASSERMAN, Cláudia. O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et al (orgs).*Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.p.273-291.
- PETRY, Leopoldo. *O Episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermond, 1966.
- POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p.03-15.
- SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*.2. ed. Porto Alegre: Selbach& Mayer, s/d.
- SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*.v.26, 77, 2011, p. 47-62.
- THOMPSON, Eduard. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre cultura popular e tradicional. São Paulo: Cia. Das Letras, 2013.
- WOODWAR, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 07-72.

Submissão: 19/10/2015

Aceite: 26/01/2016